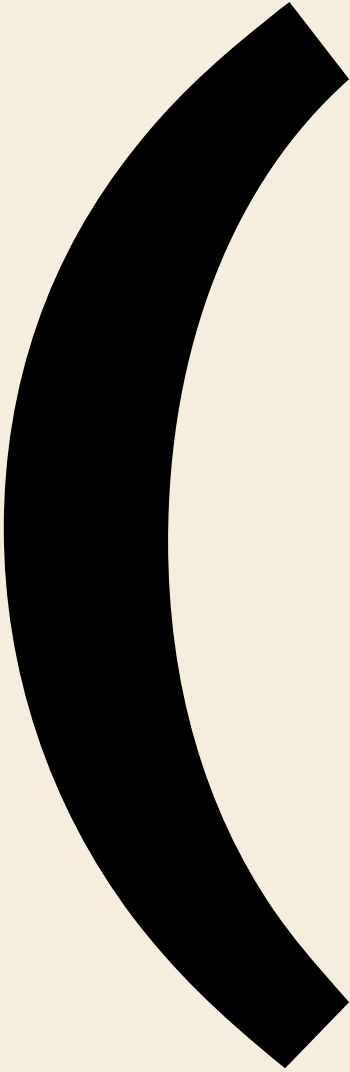


FORA DA IMAGEM

(FOTO)GRAFIAS



FORA DA IMAGEM
(FOTO)GRAFIAS

TANIA RIVERA



*modelar cada palavra
e acendê-la.*

Ter você é como uma janela aberta dentro do mar,
eu disse. Foi um alívio trazer para a boca e a voz e o
ouvido aquilo que não era bem imagem, nem inteira
palavra. Sonolento, ele sussurrou: bonito. A cama
era pequena e ali estávamos bem próximos, mesmo
sem nos abraçarmos – mas talvez, para ele,
ela fosse imensa.

Em súbito zoom o céu se afastou cada vez mais azul
na janela. Algumas flores amarelas na jardineira talvez
tivessem bastado para fixar esse céu fugitivo e estan-
car minha vertigem.

()

As dunas eram enormes e eu estava ao pé de uma delas, queimando de sol e de outra coisa que não sabia ainda o que era (acho, agora: uma espécie de espera). Corri até o cume do morro branco que cedia a meus passos, ofegante. Então o vi sentado de costas, branco também, como se pertencesse àquela terra quente e marítima. Ele se voltou e o primeiro olhar que trocamos foi quase uma fotografia fixando-se na página do tempo.

Diante de nós estava o mar, o mar sem par.
(Aquele de Oswald de Andrade – e de todos nós).



(dois)

()

A estupidez está em querer concluir, dizia Flaubert. Mas um romance ou um conto tem sempre uma última página (ainda que termine com reticências ou com um oito invertido), enquanto o que busco é um pedaço de vida infinito que deixe o papel e se espalhe pelo mundo. Um instante mínimo e duro como um nó – um amálgama de fatos incongruentes amontoados em imagens borradas a se sobrepor sem limite nem sucessão. O oposto de um filme. Uma fotografia louca.

A estupidez talvez esteja bem antes: em pretender começar. O que se poderia iniciar no papel, se tudo pulula lá fora e o burburinho me chama? Escrita devia ser como os insetos alfinetados de um museu de história natural. Uma borboleta. Uma mosca. Coisa de que me apossa ao dizer o nome. Um livro seria então um amontoado de pequenas coisas retiradas do mundo. (O poeta levanta-se de manhã, toma seu café, senta-se à borda de Babel e estende sua vara de pescar.)

Mas isso é só um dos lados da coisa. O do alfinete. O outro é o da “palavra solta” de Mário de Andrade. Ela foge como peixe do anzol, rápida, e não para nunca, tocando uma coisa e outra e percorrendo ouvidos e olhos, e às vezes é tão veloz que deixa apenas um hiato ou um soluço. Ao contrário de uma fotografia, ela se transforma, na verdade, a cada segundo ela se transforma em outra coisa, em outra palavra. São as palavras soltas que se metem na boca das pessoas e vão secretamente mudando toda a língua.

()

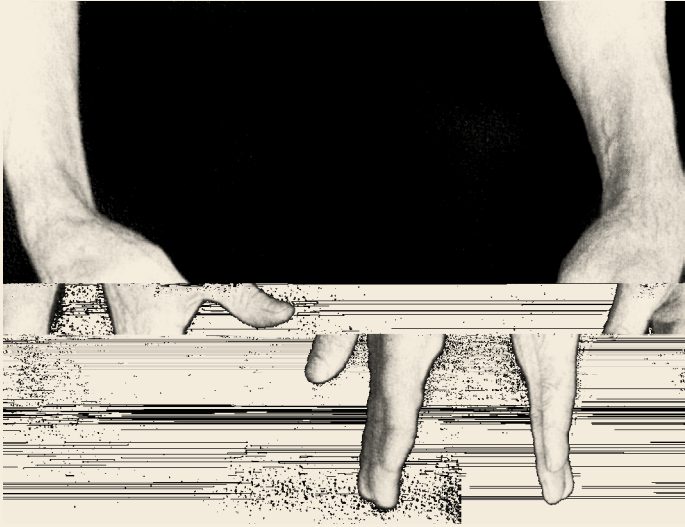
A boca de Eduardo tomou meu peito e foi como se o sugasse e então o devolvesse, inteiro. Logo entrou em minha boca e começou a redesenhá-la desde dentro, com saliva e língua e dentes. Todo meu corpo foi assim se refazendo, em partes, estranhado e vivo.

Levantando-me da cama com dificuldade, algumas horas (ou minutos) depois, pensei que seria fácil ir embora se apenas meu vestido estivesse ainda enlaçado ao paletó daquele homem, ou se um só de meus sapatos estivesse ainda embaixo do dele. No guarda-roupa repleto, nenhuma peça caberia mais em meu corpo.

()

Dizem que a escrita – como uma fotografia – traz algo da vida.

É dizer muito e muito pouco.



(*parêntese*)

()

Talvez a cama (como uma duna) seja mesmo enorme e móvel e talvez já estejamos no início separados como estaremos no final – seja ele a morte ou a separação banal (aquela de todo casal).

()

Um útero é sempre último. E definitivo. Se é do tamanho de um punho, como dizem uma poeta e muitos ginecologistas, é porque está pronto para a luta.

Mas pode subitamente tornar-se gesto dos dedos se espalmando, o braço esticado com força, mostrando lentamente o mundo. Entrega de si e de tudo.

()

Era carnaval lá fora. Aqui, deixávamos cair as fantasias e engolíamos nossos corpos nus para em seguida vomitá-los e voltar a mastigá-los, ávidos (e já cansados) desse ritmo que o sexo tenta imprimir no sofrimento constante. Não me lembro se dizíamos algo ou nos deixávamos invadir totalmente pelo murmúrio infinito da cidade. Tudo

era muito e muito pouco, chão e céu e o gesto dos braços abrindo-se para dar a ver as palavras todas, em definitiva mímica para os olhos de Deus.

(entre)

A cada palavra, todas as palavras (isso foi Blanchot).

()

Alice, vou embora. Mas por quê? – meu corpo se contorceu por dentro de medo e dor e provavelmente mostrou esse esgar no rosto, apesar do esforço contrário. Não é nada, ele disse devagar, e tudo ficou escuro e plano como o quadro negro no qual uma professora longínqua costumava passar o apagador. Fiz força para voltar a olhar o mundo e vi Eduardo sorrir

como se pensasse em outra coisa. Não compreendia como podia todo dia renascer em seu peito flor e pedra, juntas, ao mesmo tempo.

As coisas se vão, todas. Olhe em volta, Alice. O céu não está mais azul. O mar não é mais azul e temo que tudo mais vá perdendo sua cor e ficando cinza, cinza, e que os contornos de cada coisa acabem também por esvanecer, e mesmo nossos contornos, Alice, mesmo nossas formas desmaiem na escuridão do fundo de tudo.

Estremeci. Eduardo, abra os olhos, agora: o céu se pinta em mil pássaros e pipas, o beija-flor se sustém mesmo diante da parede de concreto e talvez flores insuspeitas de cores diversas brotem hoje, meu amor, e eu juro que amanhã

o mar recomeçará azul, sempre azul e infinito.

Abri os braços em um misto de desespero e euforia e percebi que *tinha* de ser feliz, que necessitava ser feliz a cada minuto, a cada segundo, pois apenas minha felicidade poderia, tal finíssimo cabo de aço, estancar a queda daquele homem.

()

(a voz do mundo)

*Um homem grande em dança discreta na poltrona estreita do avião, na clausura de seus fones de ouvido. Os passageiros dormem ou olham para frente, sem expressão, talvez porque o ruído do voo seja consoante aos vácuos. A aeromoça passa sem olhar para os lados e, como mecanicamente acionado por um de seus passos, o homem põe-se a cantar. Alto. Por alguns segundos os passageiros cruzam e escondem seus olhares surpresos ou recriminatórios, buscando confirmar no olho do outro o que a orelha afirma em espanto. Até que a voz, obediente à gravidade que nos impede o voo livre, cai no abafado burburinho que sustenta nossa parca
(e pedestre)
realidade.*



(se há asa houve voo)

De imediato lembro a cena no supermercado, um distante sábado à noite: o homem negro e gordo entra, abre os braços, enche o peito, lança um olhar maroto para a moça do caixa (ele talvez faça isso todos os sábados, ou quem sabe todas as noites) e, como quem fecha questão e soluciona a grande contenda do mundo, solta com voz de barítono

uma ária épica, precisa, decisiva.

(A escrita: tênue fio de memória ligando dois acontecimentos em um instante que nunca existiu).

()

Um dia ele me disse que a palavra pai, no instante daquela morte, entreabriu-se em mil facetas desconexas que eram ele mesmo, replicado porém diferente.

Nesse instante exato, a sineta da porta não tocou, nem tampouco seu som ressoou sobre toda a cidade (como em um conto de Kafka). Em vez da trilha altissonante que marca no cinema esses momentos dramáticos, veio o silêncio e nele, quase imperceptível, algo pulsou no canto de seu
olho.

Era um cachorro.

Pardo, magro, sujo. O mesmo que vira em algumas fotos que Miguel Rio Branco tirou no Pelourinho. A mesma carcaça grudada no asfalto com a qual topou Nuno Ramos em alguma rua de São Paulo ou beira de estrada (ou de vida). O cão de todos e de ninguém.

Estava estirado no chão daquele jeito que só os cachorros têm de estar totalmente entregues ao mundo – naquela posição capaz de fazer de um homem, um cão. No chão, nos trapos, na sarna. Em um desamparo tão absoluto que se revira em força – e fere o olho.

Não que me veja nele e tenha pena, compaixão, diz Eduardo. Pelo contrário: ele não encontra lugar em mim. Não. Por isso fica pulsando, doendo, doendo, rangendo como a dor da perda do meu pai (essa sentença oca que resseca e estaca mas não para de soar).

Isso eu agora posso entender, eu sei: como a dor mói, gira como moinho fazendo de nosso corpo suas pás.



(o avesso)

()

Você vem? Ele entreabriu um olho apenas, preguiçoso ou ofuscado pelo sol refletido na areia. Não, agora não. Entrei no mar devagar como se a ele me assimilasse, como um peixe se mimetiza tomando sua cor esverdeada e se abstém de nadar em favor de qualquer corrente ou onda. O mundo,

a partir da linha móvel separando água e terra, era enfim silencioso e quase imóvel.

Meus olhos passeavam sobre as cores esmaecidas dos guarda-sóis e dos castelos de areia, dos maiôs e tons de pele variados, indo e vindo como se fossem crianças a pular e gingar

com uma bola invisível.

Como fisgado e arranhado por um anzol, meu olhar foi puxado em trajetória certa pelos olhos de Eduardo: fixos em mim, injetados, raivosos. Olhos de louco.

()

Eram bolas enormes e coloridas, flutuando como se fossem leves, em uma grande sala de vidro que as refletia e espalhava ao redor. A menina entrou segurando a mão do pai e não ouviu o segurança dizer que não se podia tocar em nada, nem tampouco escutou o pai – e em seguida a mãe – repetirem a interdição. Olhou em volta e, de súbito, tornou-se toda olhar: sua boca, seus braços e suas pernas, seu peito e sua barriga olhavam, assim como o vestido cor de rosa e os sapatinhos vermelhos. Talvez tenha então ecoado em seu corpo a história de uma Alice em um país maravilhoso, e ela talvez tenha começado a crescer e crescer e se tornar fina e leve pele, cheia de ar. Seus olhos abraçavam todas aquelas bolas e todo o resto, todo o mundo por elas transformado. Então ela encheu bem as bochechas e soprou forte, bem devagarzinho.

()

Nossos sonhos nos esperam ao dobrar a esquina.
Isso

eu pensei quando tinha as mãos e a alma no bolso, andando a esmo naquela calçada de pedra portuguesa encardida, tentando adivinhar quando ele voltaria.

Aos poucos foi se aproximando a esquina. Tirei uma das mãos do bolso. Lentamente a estendi, abrindo bem os dedos. Mal podia respirar. Virei enfim, e abri grandes os olhos: nada havia a alcançar. A próxima esquina estava lá, claro. Infinita. Apreendi, por fim: meu sonho não me espera.

O sonho é feito de distância.



(fuga)

()

Sempre tentei pegar aquele homem pela asa e prendê-lo no meu borboletário. Mas ele era palavra solta, animal no campo. Acho que nem ele mesmo se alcançava.

()

O gesto de levar a câmera ao olho é ridículo, disse o fotógrafo pouco depois de anunciar ter definitivamente parado de fotografar. Mas ao primeiro movimento do mundo (a galinha cacareja e se aproxima), ele tira a pequena máquina do bolso lateral da calça em gesto rápido de ladrão, para guardá-la novamente nem bem disparado o clique silencioso.

()

Veja, Alice: um e mais dois e mais outro urubu, todos igualmente imóveis eretos de asas abertas não como quem vai decolar, mas como super-herói exibindo sua capa. Dezenas de urubus na linha do olhar, na linha de eletricidade, no horizonte tão curto dos contêineres às margens da via (da vida) expressa. Urubus-palavras negras, palavras de rapina.

As palavras são como veados no campo, quando nos aproximamos, elas fogem (como disse um ex-surfista que se tornou artista famoso nos EUA).

A língua também é cheia de distâncias.

()

(infiltração)

O piar confuso e alegre de pássaros que eu ouvia naquelas tardes amareladas um dia

revelou-se mero ruído provocado pelo ar condicionado. Em vez de correr pelo cano, a água retinha-se em um desvão da parede, gota a gota, paciente. Em súbito passaredo um dia venceria o gesso e inundaria o escritório e todo o andar, escorreria pelas escadarias e cobriria a fachada art-déco em avassaladora catarata. Por enquanto, as manchas de umidade limitavam-se a desenhar na parede vagos pássaros negros.



(*abismos*)

()

Ou o contrário da revelação que suspende a respiração e faz os dentes se entreabrirem: o grito que não sai pela boca mas entra como soco no estômago. Quando vi Eduardo na maca, saindo da ambulância, e seu braço escorregou e ficou penso, a mão talvez indicando o chão, o asfalto, a terra, o oco de tudo, e o enfermeiro a colocou de volta ao lado do corpo e eu soube que ele estava morto.

()

Tem o alfabeto, as 23 letras com as quais se faz o mundo. E tem o inalfabeto: o avesso desses desenhos. Aquele que desfaz as palavras, fazendo ruir a língua e revirando a gramática. Fazendo aparecer o mundo, enfim, o mundo e suas arestas.

()

Cheguei do cemitério e entrei imediatamente no quarto, talvez precisasse deitar-me. Mas estanquei diante da cama tornada pedra enorme, rocha crispada. De dentro dela, um silêncio gritava sem lugar nem espaço, escavando meu peito e minhas vísceras até estourar meus ouvidos.

()

Durante muitos dias e muitas noites tentei viver aquele instante em que Eduardo viu esboçar-se na cortina branca da chuva as linhas incertas do caminho vermelho e entendeu com todo seu corpo que ele vinha em sua direção, desgovernado. Como se precisasse também sentir aquilo que não é medo nem perigo, aquilo que fingimos não ver nem sentir e rapidamente esquecemos, isso que não tem palavra

nem imagem. Aquilo que faz o motorista rumar resolute na direção do bólido, do tiro, em vez de virar o volante rápido para o acostamento.

()

Mar, mar, o mar sempre a recomençar. E a rocha e as dunas e o mundo contra o qual ele se acaba.



(porto)

Ao descrever uma cena banal, queria abrir um parêntese e logo outro parêntese e outro parêntese dentro e mais dentro até que a língua se embole e tropece sobre si mesma como um homem pode engasgar com as próprias palavras e morrer justo ao dizer aquela única palavra que, realmente, um dia ele foi.

()

No dia em que ele voltou eu tinha regado as plantas que me chamavam sempre à beira da janela e que eu mantinha com desleixo, na vaga esperança de uma flor. Ao contrário de Cartola, eu sabia que as rosas continuavam a falar. Eu é que tinha perdido, em algum momento, a capacidade de a elas responder.

Quando abri a porta e vi Eduardo com olhos calmos e fundos, perguntei-me se poderia a ele voltar a responder. Logo, logo, contudo, as palavras entraram

naqueles campos abertos e nos retiveram e nos juntaram em sal e sol, em água e abismos, em pássaros e pedras.

(Eu continuava agora a ouvir o surdo chamado daquele homem. Mas nunca mais ele ouviria minha resposta.)

()

Lia de trás pra frente. A última palavra – ou frase – era a primeira, como se fosse árabe. Ou talvez ele lesse mesmo cada palavra ao contrário, em inédita língua. Quem sabe as próprias letras se refaziam de trás para frente, e era então o mundo inteiro que oscilava em novo arranjo?

Algumas pessoas, cegas às coisas mais importantes, diriam simplesmente que ele não sabia ler.

()

Morto, Eduardo estava mais presente do que nunca. A morte tomava tudo, e o mundo era Eduardo. O sol frio. O olhar das coisas e o espaço entre elas. O ar, agora material. Eu mudava de nome a cada dia, mas na manhã seguinte olhava-me no espelho e era de novo Eduardo grudado no corpo como fita adesiva velha que eu esfregava e tentava arrancar com lágrimas e arranhões, com afagos e gritos.

()

Já Kafka (ou Buda?) teria dito: existe um ponto de chegada. Mas nenhum caminho.



(dança)

Um ritmo, pensei ao descer o último degrau de uma escada qualquer. Talvez eu seja o mero intervalo, repetido, de alguma canção ou

batucada de rua. Viver talvez seja incorporar qualquer circunstância, desde que nela se introduza alguma alternância, um contratempo, uma cadência.

Já o sofrimento é quando se fibrila – quando o coração treme, misturando o sangue passado ao futuro, em vez de marcar firme com suas válvulas a passagem tão rápida que costumamos chamar de presente.

()

O que vira poesia no papel já era poesia no mundo?

()

Abri a porta com dedos finos que mal ocuparam o rastro majestoso da mão do banqueiro que um dia moldou a maçaneta daquela casa (e a fez afirmar para sempre sua posse alheia, mesmo tornada lugar público). O silêncio parecia vir da luz do sol, morno. O piso era de losangos de mármore avermelhado e branco. No pátio interno uma menina de cerca de cinco anos estava imóvel, queixo para o alto, olhos para fora. Segui a linha invisível de seu olhar e então cheguei naquilo. Entre os galhos de uma árvore estreita. Pensei em um ninho ou casa de João de barro, mas não, era como uma súbita melodia nunca antes ouvida. Coisa se fazendo ao contrário, saindo do avesso do mundo. Notei que se movia por dentro, sem que seu contorno desse qualquer sinal de deslocamento. Sua matéria revolvia-se sem cessar dentro de si mesma, como se as bordas fossem deslizando para um ponto central que tudo sugava e talvez em seguida devolvesse. O marrom agora parecia se tornar um azul profundo (ou talvez algum reflexo ou jogo de luz me turvasse a vista, apenas).

Então me veio um único soluço como uma nota de música, e em um segundo aquilo se transmutou em umas asas grandes e subiu em voo quase vertical até virar um minúsculo ponto de luz ao lado de uma lua clara e fina, dessas que dormem esquecidas no céu durante o dia.

Fui refazendo o universo aos poucos. Uma cadeira de quatro pés, um banco de três, um sinal de trânsito em suas três cores, uma barba que se confunde com a pele, um rosto.

Palavras.



(dentro)

()

Cada conto devia ser uma pequena e informe superfície na qual alguém (não se sabe quem) teria feito uma fenda como a de Lucio Fontana sobre a tela. Ler seria cair como gota sobre o papel, nele desenhar alguma errância em uma ou duas voltas e enfim escorregar pela brecha, lentamente, torcendo para que alguém tenha por acaso colocado outro pequeno pedaço de papel justo aí embaixo.

(conto-gotas)

()

Nunca me encontrei em meus retratos. Tenho raiva de sua pretensão à realidade.

Nunca pude aprender a posar e entrar tranquilamente no mundo das imagens como um lagarto deixa sua pele domesticar-se em pedra ou grama. Por isso meu corpo guarda algo de selvagem,

talvez. E talvez por isso eu jamais buscaria, como o filósofo arrasado pela morte da mãe, reencontrar Eduardo em alguma caixa de fotografias. Seria tolice acreditar que uma imagem pudesse trazer a força do que se foi, como uma bola de cristal regulada para mostrar não o futuro, mas o passado em toda sua verdade.

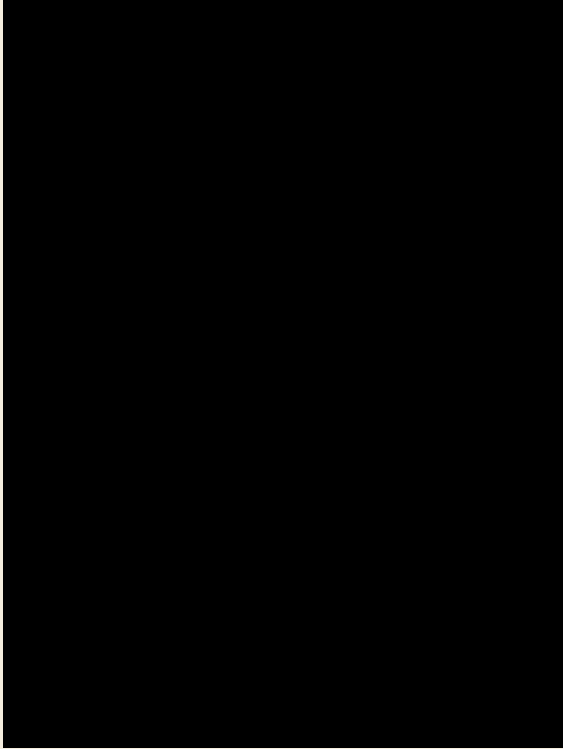
Foi por acaso, juro, que uma fotografia caiu em minhas mãos, poucos dias após o avesso do mundo ter se entremostrado em voo de pássaro. Era eu. Sorria, inclinando o rosto, e meu olhar (era um olhar de amor e entrega) fitava a câmera. Ou melhor, meu olhar apontava algo fora, algo além da câmera e que, muito mais do que minha imagem a fixar-se na paisagem graças a algum certo e invisível alfinete, era, sim, a verdade daquela foto. Esse ponto era Eduardo a

empunhar a câmera, Eduardo que lá não se via, é claro, mas que tirara este retrato e me olhara daquele lugar, naquele instante pretérito. Pela primeira vez, graças àquela fotografia, eu esposava o olhar de Eduardo – meu olhar punha-se no exato lugar daqueles olhos desaparecidos para sempre. Via-me como ele me vira um dia e sentia forte a presença partida daquele olhar, daquele olhar que costumamos chamar de amor.

Tirar uma fotografia, entendi em súbita vertigem, é morrer um pouco.

()

Uma fotografia que não mostra nada, opaca como a noite.



De repente, ela pisca.

()

essas foto(grafias) foram feitas com outros – pessoas e palavras, livros e imagens. agradeço a generosidade com a qual se entregaram a mim – em geral sem sabê-lo – e permitiram que eu aqui tente fazer pulsar sua presença. as fotografias foram feitas com câmera de celular na tentativa de inscrever instantes de encontro com obras de arte ou com cenas do mundo (e neles *inscrever-me*, de alguma maneira). sou muito grata a Anna Maria Maiolino, Claudia Hersz, Juliana Guimarães, Hilal Sami Hilal e Bernardo Damasceno, que além de me terem feito viver tais momentos, permitiram que eu aqui os depositasse em imagem. as precipitações de palavras alheias nesse livro seguem a mesma intenção apropriativa e em geral trazem os nomes de seus autores, salvo no caso do surfista-artista Gary Hill, de Miguel Rio Branco ao me dizer em uma entrevista que o gesto de fotografar é ridículo, do título *se há asa houve voo* que roubei de Nuno Ramos em *Junco*, do útero que se escreve

como punho em Angélica Freitas, de Roland Barthes buscando em seu luto a presença verdadeira da mãe em uma fotografia e talvez de alguma outra palavra que não lembro de onde veio. e, sobretudo, de Kido Guerra, cujo céu entre os dentes lateja ainda como origem destes escritos. outras presenças são aqui silenciosas, porém certas como o ponto fora da fotografia que delimita minha cena no mundo: Anita, Isadora, Evandro.

Tania Rivera

AS IMAGENS DE TRABALHOS DE ARTE SÃO:

(*entre*)

detalhe de Anna Maria Maiolino,
Sem Título, da série *Outros*, 2002/2003.

(*linha orgânica*)

detalhe de Juliana Guimarães,
Mesa de Dissecção, 2017.

(*se há asa houve voo*)

detalhe de Claudia Hersz, *Icarus*, 2015.

(*porto*)

anônimo, sem título.
objeto deixado sob a instalação
de Bernardo Damasceno,
O Sertão vai virar M.A.R., 2017.

(*dança*)

detalhe de Hilal Sami Hilal, *Sherazade*, 2007.

este livro tenta pensar a imagem de modo imagético (em fotografias e palavras). ele não acredita que as imagens vivam por elas mesmas. ele busca seu fora – em pessoas e acontecimentos. ele aposta na construção de cenas que sejam vida e pensamento, ao mesmo tempo. ele desconfia que as imagens sejam sempre outras – e de outros. ele gostaria de fazê-las circularem por aí.

© 2017 Tania Rivera

CAPA, PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO

Carol Müller Machado

R621f Rivera, Tania

Fora da imagem: (Foto)Grafias. / Tania Rivera
– Rio de Janeiro: o autor, 2017.

64 p. il.

ISBN: 978-85-923965-0-3

I. Poesia. 2. Imagem. 3. Fotografia.

I. Rivera, Tania. II Título.

CDD: B869

CDU: 821+77

FONTE Gill Sans

PAPEL Papel Pólen Bold 90 g/m²

IMPRESSÃO Corprint

TIRAGEM 600

ISBN 978-85-923965-0-3



9 788592 396503

